

A marca do poder de uma família

Uma família tradicional da Bahia marca a história de Plataforma. É a família Martins Catharino, dona das terras que inicialmente faziam parte de uma fazenda e hoje servem como moradia para 20 mil pessoas, a maioria nascida e criada no bairro, e que, apesar das dificuldades enfrentadas, não pensam em morar em outro lugar. A tradição e poderio dos Martins Catharino estão simbolizados num prédio antigo que chama a atenção de quantos vão ao bairro de Plataforma; a Companhia Progresso e União Fabril da Bahia, uma fábrica de tecidos hoje arrendada a outros industriários e denominada Fatibrás.

Nos fins do século passado a fábrica já estava instalada, constituindo-se numa das primeiras indústrias baianas, e em seu bojo trouxe, para Plataforma, inúmeras famílias de operários, que passaram a ocupar as casas construídas nas ruas Úrsula Catarino e Leandro Gomes. Essas ruas, que começam nas imediações do antigo prédio, a partir do obelisco da Praça Engenheiro Lauro de Freitas, foram se estendendo e ligando-se a outras ruas que já existiam junto da Igreja de São Braz, e também noutros terrenos considerados depois como parte de Plataforma (Alto da Terezinha e Praia Grande, por exemplo).

Nascido nas proximidades da fábrica, filho de operários, José Nelson de Santana, 73 anos, aos 12 já era admitido na indústria, como fiador. Ele lembra da redução de pessoal que a fábrica impôs em 1929, embora estivesse afastado há dois anos por problemas pulmonares. "Mas eu estava entre os bons, e não iria ser afastado se estivesse na ativa", comenta com orgulho. Para Nelson, os Catharinos construíram Plataforma, e mesmo depois da morte do comendador Bernardo, os filhos e netos dele prosseguiram dando assistência aos antigos operários, que ainda hoje ocupam, por aluguéis simbólicos como Cz\$ 800 e 1,200, as casas da Leandro Gomes e Úrsula Catarino. Segundo ele, "pode morrer o dono da casa, os filhos e netos continuam; A gente ganhava pouco, na época, mas eles ajudaram e continuam ajudando".

Nelson Santana diz que foi tão bom operário, que ainda hoje não paga a casa onde mora. E, apesar da fábrica estar arrendada para uma empresa de sociedade anônima, a família Catharino não se descuidou dela: "vez por outra Luís Martins vem aqui sempre para olhar tudo, observar o andamento das coisas; dizem que a fábrica vai ser reativada — atualmente ela produz só gase medicinal, faixas para enrolar braço e perna quebrada, para curativo. "Mas eu não sei ao certo", conclui.

Na década de 20, outras indústrias textéis se somavam à Companhia Progresso e União, que era a maior e mais importante de todas, na lembrança de José Nelson. Eram todas dos Martins Catharino: São João, nos Tainheiros; Paraguassu, no Papagaio; Fonte Nova, na Fonte Nova; Conceição, na Baixa do Fiscal; Mangueira, na Calçada; e Penha, na praia de mesmo nome.